



# OS IDEAIS NORTE-AMERICANOS E O PERIGO VERMELHO NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DO HOMEM DE FERRO (MARVEL) E DO LANTERNA VERDE (DC COMICS)

## THE NORTH-AMERICAN IDEALS AND THE RED MENACE IN THE COMIC BOOKS OF IRON MAN (MARVEL) AND GREEN LANTERN (DC COMICS)

 <https://doi.org/10.46401/ardh.2024.v16.20106>

Luís Eduardo dos Santos  
Universidade Regional de Blumenau (FURB)  
 <https://orcid.org/0009-0007-9463-7377>  
[luis.dudu.santos@gmail.com](mailto:luis.dudu.santos@gmail.com)

Leonardo Brandão  
Universidade Regional de Blumenau (FURB)  
 <https://orcid.org/0000-0001-8306-1092>  
[leobrandao@furb.br](mailto:leobrandao@furb.br)

Recebido em 24 de janeiro de 2024  
Aprovado em 23 de março de 2024

**RESUMO:** Este artigo, escrito no campo da História Cultural, utiliza-se das Histórias em Quadrinhos de super-heróis para se pensar a Guerra Fria, conflito ideológico que marcou a segunda metade do século XX. O objetivo é comparar dois gibis que, cada qual a sua maneira, dialogaram com este fato histórico, com um publicado pela Marvel e outro pela DC Comics. Concluiu-se que ambas as revistas se inseriam e fomentavam um imaginário social ligado ao anticomunismo e ao poder bélico, ambos valores dominantes nos Estados Unidos do período.

**Palavras-chave:** Guerra Fria; Imaginário; Histórias em Quadrinhos

**ABSTRACT:** This article, written in the area of Cultural History, employs superhero comic books to reflect on the Cold War, an ideological conflict that characterized the second half of the 20th century. The aim is to compare two comic books, each in its own way, engaging with this historical event, one published by Marvel and the other by DC Comics. It was concluded that both publications inserted themselves into and fostered a social imaginary linked to anti-communism and military power, both dominant values in the United States during that period.

**Key words:** Cold War; Imaginary; Comic Books

## Introdução

Ao pensar o século XX, um marcante e extenso fator surge de forma predominante nos anos que o compõe: a Guerra Fria, conflito ideológico entre a União Soviética e os Estados Unidos. Ela tem seu início pouco tempo após a derrota da Alemanha, quando Josef Stalin buscava “reivindicar territórios antes alemães para a União Soviética, assim como garantir a constituição do império “externo” na Europa central e oriental” (PONS, 2008, p. 100), enquanto o novo presidente norte-americano Harry Truman colocava à prova a soberania norte-americana no mundo em relação ao armamento nuclear e as possíveis áreas de influência na Europa, já que no momento e “pela primeira vez na história, o tamanho do poder militar de um país não era mais condicionado pelo tamanho de seus exércitos” (TOTA, 2009, p. 176).

Esse conflito de interesses por territórios de comando culminou em uma conferência realizada em Potsdam, na Alemanha, dos dias 17 de julho a 02 de agosto de 1945, onde foi definido que a Alemanha ficaria dividida em quatro partes: uma norte-americana, uma soviética, uma francesa e uma inglesa, sendo que “a partir dessa nova confrontação de forças, as potências capitalistas passaram ao enfrentamento com a URSS” (MIRANDA; FARIA, 2021, p. 15), visto que tanto a França quanto a Inglaterra foram beneficiadas com as políticas de apoio dos Estados Unidos para a reconstrução da Europa.

É nesse período em que o medo instaurado de uma possível infiltração soviética em território norte-americano era um fator constante. A criação de um espaço governamental, conhecido desde o final da Segunda Guerra Mundial por Comitê de Atividades Antiamericanas, mostrava a preocupação de governantes estadunidenses com um suposto avanço silencioso por parte dos soviéticos, sendo, a partir de 1950, instaurado uma “caça às bruxas”, com um comitê assumido pelo senador Joseph McCarthy, inaugurando assim o chamado macarthismo. Para esse senador, as “bruxas” eram consideradas os supostos comunistas norte-americanos ou apoiadores do regime soviético, levando muitos cidadãos norte-americanos a serem exilados do país, mesmo que por falsas acusações.

Anos depois, após a crise dos mísseis cubanos e o fracasso da manutenção pacífica entre as superpotências, a chegada ao poder de um novo presiden-

te norte-americano com uma rigorosa política externa anticomunista, inaugura o período conhecido por “Nova Guerra Fria”. Ronald Reagan, antes de tornar-se presidente e “na condição de ator de cinema, colaborou (assim como outros) com o FBI e o Comitê de Atividades Antiamericanas, delatando vários colegas e participando de “campanhas patrióticas”” (MIRANDA; FARIA, 2021, p. 33). Utilizando-se da “oratória pública” (GADDIS, 2007, p. 214) como um grande aporte da sua política, o presidente voltou seus esforços para a revitalização de uma “autoridade social” (PURDY, 2007, p. 55), comandando a superpotência norte-americana até 1989, quando encerrou o seu segundo mandato. Em paralelo, após a ascensão de Mikhail Gorbachev como dirigente da URSS em 1985, foi elaborado um projeto que baseava-se em longas reformas, acabando em resultar em ideias como a “*Perestroika* (reestruturação) que seria implantado juntamente com uma proposta de abertura política (*Glasnot*)” (MIRANDA; FARIA, 2021, p. 71). Essa reformulação do sistema da URSS acabaria por levar ao seu fim em 1991, pouco tempo após a queda do muro de Berlim (maior símbolo da Guerra Fria), marcando os Estados Unidos como “vencedores” do conflito.

Durante todos os períodos da Guerra Fria, um recorrente fator foi a tentativa de criar um imaginário social que pudesse servir aos valores de cada nação. Para o filósofo Bronislaw Bazcko (1985, p. 297), “as ciências humanas punham em destaque o facto de qualquer poder, designadamente o poder político, se rodeia de representações colectivas. Para tal poder, o domínio do imaginário e do simbólico é um importante lugar estratégico”. Dessa forma, é possível interpretar que os agentes responsáveis (nas posições governamentais e detentoras de meios de produção) agiam com o financiamento de produtos a serem consumidos pelas massas, buscando a formação do imaginário via suas práticas discursivas.

No caso norte-americano, a importância da continuidade de um sistema anticomunista ultrapassou a esfera política, adentrando os meios culturais por diversas vias. No cinema hollywoodiano, o filme *War Hunt* de 1962 (dirigido por Denis Sanders, roteirizado por Stanford Whitmore) já trazia elementos exaltando a ação militar norte-americana na Guerra da Coreia, idealizando e justificando o papel dos Estados Unidos na intervenção e no combate aos núcleos de caráter socialista. Décadas depois, filmes como “*Rambo: programado para matar (First Blood, 1982)*, *Rambo II: a missão (First Blood - Part II, 1985)* e *Rambo III (Rambo III, 1988)* representaram um conjunto de ideias que encontraram eco na sociedade estadunidense na década de 1980” (SILVA, 2009, p. 3), em relação ao papel do país

na contenção comunista do Vietnã.

Não muito distante desse universo cinematográfico, as Histórias em Quadrinhos (HQs), também fizeram parte da formação de um imaginário social. Tanto na criação de personagens como o Homem de Ferro, um personagem originalmente anticomunista que “estava sempre disposto a sair em defesa do bloco capitalista, comandado pelos EUA” (SANCHES, 2021, p. 74), quanto na reformulação de outros personagens mais antigos, como o Lanterna Verde, agora um policial espacial “que era alinhado com os com ideais patrióticos - que prende criminosos e ajuda a polícia” (KRAKHECKE, 2009, p. 66), serviram-se de enredos que tentavam utilizar de um imaginário social que visava fortificar os valores norte-americanos em relação a suposta ameaça comunista<sup>1</sup>.

Por tratar-se de uma fonte documental que compõe um amplo mercado e altos níveis de circulação, torna-se necessário estabelecer um recorte editorial no ramo das Histórias em Quadrinhos de super-heróis norte-americanos, delimitam-se as duas principais editoras da área: a Marvel e a DC Comics, abrindo assim, uma possibilidade de comparação entre as formas com as quais essas empresas representavam os valores da nação nesse processo de formação de um imaginário em parte de suas publicações que fazem referência direta a Guerra Fria, voltadas para as temáticas da corrida armamentista e da construção da imagem do soviético, selecionando enredos dos personagens que surgiram durante a Guerra Fria, o Homem de Ferro (Marvel) e Lanterna Verde (DC Comics), por como visto, compartilhar alguma similaridade prévia relacionada a este conflito.

## Breve síntese dos quadrinhos-fonte

Antes de realizar as análises pretendidas, torna-se necessário proceder com uma síntese das Histórias em Quadrinhos que serão utilizadas como fonte para esta pesquisa. Constituem as histórias selecionadas, para fins de comparação entre as editoras, a *The Green Lantern Corps* (números 209 e 210 de 1987, produzidas por Steve Englehart e Joe Staton) para representar a DC Comics, e a

---

<sup>1</sup> Não ignoramos aqui a ideia um “contra-imaginário”, constituído, como por exemplo a HQ *Watchmen* de Alan Moore, que criticava as ações norte-americanas em relação a Guerra Fria. (BACZKO, 1985, p. 301).

*Iron Man Volume 1* (números 315, 316 e 317 de 1995, produzidas por Len Kaminski e Tom Morgan) representando a Marvel. Importante ressaltar que, em ambas as histórias, ocorre a participação de personagens da vida real da época, dando destaque para líderes políticos, como Ronald Reagan e Mikhail Gorbachev.

A premissa do enredo do Lanterna Verde tem como base dois grupos de personagens da tropa, um nos EUA dialogando com Reagan e outro na URSS, dialogando com Gorbachev. O primeiro discute a possibilidade de uma intervenção em solo soviético caso os Lanternas lá se voltem contra os EUA, enquanto o segundo, debate as diferenças dos sistemas capitalista e socialista, esse que recentemente, havia ganhado uma nova frota de soldados com auxílio de tecnologia alienígena, equiparando-se ao poder dos Lanternas. O conflito esquenta e uma terceira guerra mundial, dessa vez nuclear, quase ocorre por conta de ações da URSS, mas é evitada graças aos Lanternas que estavam nos EUA.

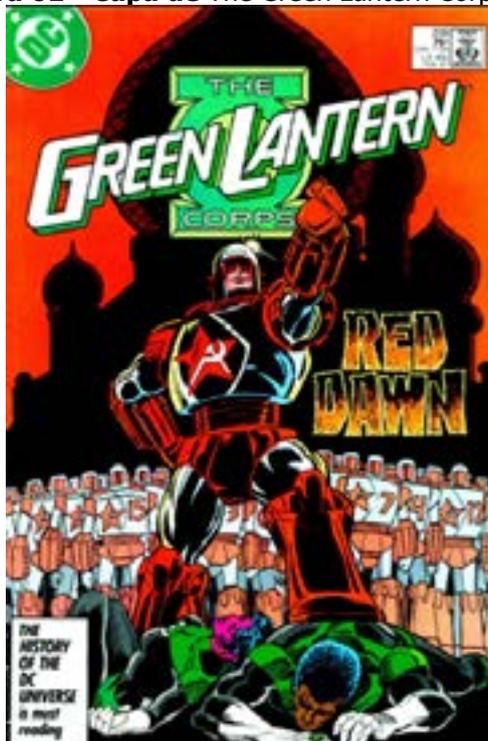
Para o Homem de Ferro e seu alter ego Tony Stark, o enredo desenvolve-se em uma Rússia que havia deixado de ser soviética há apenas alguns anos. O herói vai até o país abrir uma filial de sua empresa e encontra-se com Gorbachev e com o presidente Boris Iéltsin. No evento, um ataque do Homem de Titânio (inimigo soviético que havia enfrentado o herói durante vários períodos da Guerra Fria) ocorre, visando vingar o sistema derrotado. É então que dois heróis russos (antes inimigos), a Viúva Negra e o Dínamo Escarlate aparecem para auxiliar Stark no confronto contra seu inimigo.

## O aspecto armamentista das superpotências da Guerra Fria nas HQs

Fator recorrente durante os anos iniciais da Guerra Fria, o medo de uma Guerra Nuclear como terceira Grande Guerra é um dos frutos do final da Segunda Guerra Mundial e início da década de 1950, quando tais armamentos avançaram de forma significativa, de modo que “gerações inteiras se criaram à sombra de batalhas nucleares globais que, acreditava-se firmemente, podiam estourar a qualquer momento, e devastar a humanidade” (HOBBSAWM, 1995, p. 174). Orivaldo Biagi (2004, p. 89), ao estudar o imaginário social que constitui a Guerra Fria, aponta o medo de uma terceira Guerra Mundial como parte da construção desse imaginário, pois tanto os Estados Unidos quanto a União Soviética procuravam “ter os arsenais nucleares mais numerosos e de tecnologia mais avançada”.

Para início das comparações sobre a questão do armamento, observemos algumas das capas das edições analisadas. Respeitando uma ordem cronológica de lançamento, inicia-se pela Tropa dos Lanternas Verdes:

**Figura 01 - Capa de The Green Lantern Corps 209**



Fonte: DC Comics. 1987

A capa da publicação referente a tropa dos Lanternas Verdes, que apresenta em seu canto superior direito o selo regulamentador da *Comics Code Authority* (conhecido por CCA, trata-se de um Conjunto de regulamentações autoimpostas pelas editoras após a publicação da obra *Seduction of the Innocent*, de Fredric Wertham em 1954), também demonstra alguns interessantes elementos sobre uma ideologia armamentista que vigorava no período. A predominância da cor vermelha, além de ser a cor símbolo da URSS, também pode ser visto como uma alusão ao *red scare* das décadas anteriores, isto é, um medo de uma invasão comunista na liberdade norte-americana, uma vez que os norte-americanos “enxergavam no comunismo soviético uma nefasta negação da liberdade e da individualidade” (TOTA, 2009, 177). A expressão *Red Dawn*<sup>2</sup> - exposta para leitura no lado direito desta capa - também viabiliza um suporte para tal afirmação, sendo uma

<sup>2</sup> Em tradução livre: Alvorecer Vermelho.

projeção sobre o medo de um amanhecer com as cores inimigas atacando.  
Por sua vez, a capa da edição referente a história da Marvel Comics:

**Figura 02 – Capa de Iron Man Volume 1 315.**



Fonte: Marvel Comics, 1995

Para a Marvel, os meados da década de 1990 foram comprometedores, pois em questão de departamento de vendas, “há meros cinco anos respondia por 90% das vendas, agora representava apenas um terço dos negócios” (HOWE, 2013, p. 372). Como uma estratégia para tentar levantar os números de vendas, a editora inicia um processo de reutilizar personagens antigos. Temos então o retorno de personagens como Homem de Titânio em uma série que perdurava desde 1968. Na capa, no mesmo canto superior direito, é possível novamente verificar a presença do selo regulamentador da CCA, mesmo 40 anos após sua criação. Talvez por ser publicada em um período pós-Guerra Fria, há uma menor presença das cores vermelhas inimigas, estratégia também para ressaltar a importância do herói presente na capa. Entretanto, vemos os olhos vermelhos do inimigo soviético, uma possível alusão ao *red scare*. O balão de texto demonstra uma intenção ameaçadora e vingativa do personagem que não aceitou o final da URSS<sup>3</sup>.

---

3 Em tradução livre: “A pátria Russa caiu, Homem de Ferro, mas o Homem de Titânio vive para destruir você!”

Ambas as capas das publicações, mesmo com o distanciamento temporal de lançamento de oito anos, demonstram certas similaridades. A posição de grandeza e superioridade de um inimigo soviético trajando uma armadura tecnológica, alusão ao poder bélico da União Soviética, perdurou mesmo após o final da Guerra Fria, com uma continuidade até os dias atuais, pois o elemento é exatamente o mesmo presente tanto na história do Lanterna Verde de 1987, quanto na do Homem de Ferro de 1995, assim como uma primeira impressão de inferioridade norte-americana, ao ter ambos os heróis subjugados. As duas capas contam também com frases de cunho ameaçador pelo lado soviético, retomando um espírito macarthista dos primeiros anos, com um “fenômeno da sociedade norte-americana onde o Medo da Expansão Comunista foi utilizado intensamente” (BIAGI, 2004, p. 80) agindo no imaginário social.

No decorrer do enredo do Lanterna Verde, temos a situação em que o herói simpatizante do sistema soviético descobre a traição de Gorbachev e o sequestro de seus colegas:

Figura 03 - Kilowog confronta Gorbachev em *The Green Lantern Corps* 210.



Fonte: DC Comics. 1987

Na situação, a menção ao armamento se dá pela fala de um personagem, demonstrando a sua prevalência até quando não é o foco do quadro. Ele também se relaciona mais intimamente com a questão da imagem do soviético em si, demonizada como alguém pronto para agressividade. Nas representações soviéticas, não é difícil notar como um ferrenho anticomunista os percebia, como indivíduos preparados para utilizar o elemento nuclear não como uma autodefesa, mas um ataque direto, reforçando assim, as tensões que gerariam o nome de Guerra Fria.

Também no outro quadrinho, quando esse apresenta o confronto entre Tony Stark (com a armadura do Dínamo Escarlate) e o Homem de Titânio, temos uma situação similar.

**Figura 04 –Dínamo Escarlate e Homem de Titânio em Iron Man Volume 1 317.**

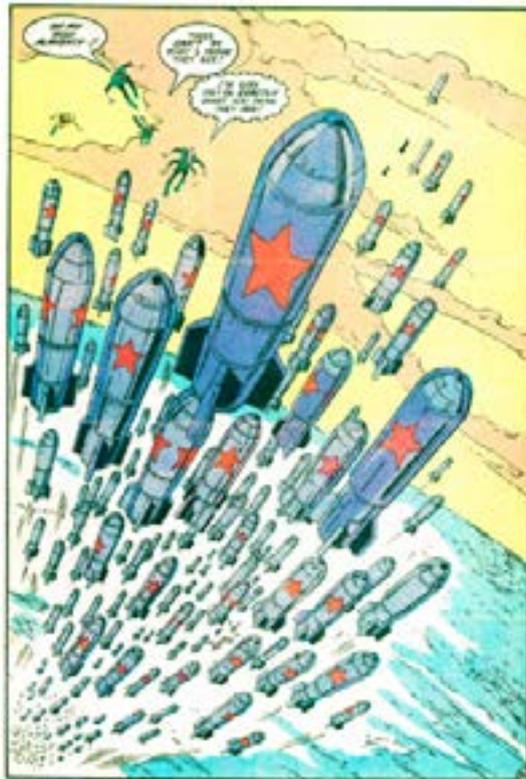
Fonte: Marvel Comics. 1995

Conversando em russo, o Homem de Titânio assume a posição de não se preocupar com os inocentes, mesmo o povo russo, denominando a si mesmo de *Boris the Merciless*<sup>4</sup>. Essa afirmação liga da mesma forma o aspecto armamentista à figura íntima do soviético, com o personagem afirmando ser impiedoso mesmo antes de receber sua armadura soviética, sendo assim, como muitos antes dele, “representado como uma pessoa maquiavélica, disposta a difundir o comunismo pelo mundo e a derrotar os Estados Unidos” (SANCHES, 2021, p. 74) ao atacar uma inauguração das indústrias Stark.

O belicismo da Guerra Fria, aqui expresso tanto na questão de uma armadura tecnológica quanto na vívida experiência nuclear, constituem uma parte importante do imaginário, mesmo que hoje saibamos que “o confronto real entre as duas ditas superpotências era praticamente impossível” (KRAKHECKE, 2009, p. 13). A realidade contemporânea da época era de que algo assim poderia acontecer, e ter isso representado tanto durante, quanto após a Guerra Fria, certamente possa ter gerado uma atividade na imaginação populacional.

Por fim, no final de ambos os enredos, temos uma efetiva ação armamentista acontecendo em grande escala:

<sup>4</sup> Traduzido pela editora Abril como Boris, o impiedoso.

**Figura 05 - Mísseis soviéticos em The Green Lantern Corps 210.**

Fonte: DC Comics. 1987

Gorbachev realmente lança seus característicos mísseis com estrelas vermelhas, com o destino sendo os Estados Unidos. É perceptível a escala da ameaça ao observar o tamanho dos mísseis, pois comparados com os super-policiais espaciais presentes, os Lanternas Verdes, podemos ver a razão de todos os norte-americanos estarem preocupados. Além disso, se observamos as falas dos Lanternas, até mesmo dos alienígenas, é possível observar que nem mesmo eles acreditam que o ataque direto foi de fato realizado, indo contra a principal regra da Guerra Fria.

Já no confronto entre Dínamo Escarlate e o Homem de Titânio, temos a seguinte situação:

Figura 06 –Dinamo Escarlate atacando em *Iron Man* Volume 1 317.

Fonte: Marvel Comics. 1995

Por mais que seja Tony Stark na armadura, quem controla o ataque da base central é Shatalov, o próprio Dínamo Escarlate. A armadura atual do Dínamo é uma armadura russa, e não soviética, pois recebe ordens dos militares pós-socialismo. É perceptível que, com o final da Guerra Fria e a adoção do capitalismo pelos russos, a armadura passou a se assemelhar mais com a tecnologia norte-americana (basta olharmos para o próprio Homem de Titânio para comparar), assim como o armamento principal usado por ela: esse o raio de propulsor em seu centro, característica do Homem de Ferro.

Com tais comparações sobre o armamento tendo sido feitas, é possível realizarmos uma análise voltada para os elementos referentes aos valores culturais impressos nas páginas das Histórias em Quadrinhos em questão, pois Bazcko (1985, p. 307) relaciona a produção de tais aspectos com o imaginário, sendo que a “vida social é produtora de valores e normas e, ao mesmo tempo, de sistemas de representações que as fixam e traduzem”.

Iniciando pelos personagens, temos que ambos os heróis representariam um modelo para o cidadão norte-americano, que se identificaria mediante a leitura da HQ, principalmente relacionado ao aspecto bélico posto nas histórias, na medida em que ocorre o enfretamento do inimigo soviético a qualquer custo, onde há também uma certa similaridade, sendo o inimigo um cidadão soviético que utiliza-se de uma armadura de alta tecnologia para o combate.

## A construção da imagem do soviético nas HQs do Homem de Ferro e do Lanterna Verde

Na análise das Histórias em Quadrinhos em questão, outro fator a ser notado é a representação da imagem ligada ao soviético nos enredos. Se levado em consideração o maniqueísmo que se desenvolvia durante toda a Guerra Fria, era buscado criar uma representação não só da União Soviética, mas também de seus habitantes. Dessa forma, o historiador Alexandre Valim (2010, p. 44) descreve uma comparação entre a representação soviética norte-americana e a comparação do império romano em relação aos “bárbaros”, indicando que a mídia norte-americana, ao tratar dos soviéticos, “frequentemente descrevia estes como bárbaros que estariam à espreita preparados para qualquer chance de infiltração pelas frestas das defesas do Império”. Biagi (2004, p. 65), ao comentar sobre a construção do imaginário da Guerra Fria, estabelece que “a “criação” do inimigo soviético foi essencial para poder convencer o Congresso norte-americano da necessidade de uma política externa agressiva e participativa, pois os riscos da expansão comunistas eram muito grandes - mesmo não existindo, de fato, tais riscos”. Filmes, séries, jogos, quadrinhos, dentre outros elementos do cotidiano norte-americano passaram a fazer parte dessa representação dos inimigos soviéticos e vigorar na imaginação social.

Perto do início dos enredos, um dos primeiros soviéticos a ter destaque em sua representação é Vladimir Ilyich Ulianov, conhecido pelo apelido Lenin, antigo revolucionário comunista e ex-chefe soviético, considerado um dos mais importantes revolucionários russos. No enredo do Lanterna Verde, temos uma participação pictórica de Lenin, representado na forma de um quadro, no gabinete de Gorbachev:

Figura 07 – Vladimir Lenin em The Green Lantern Corps 209.



Fonte: DC Comics. 1987

A cena é desenhada em um plano geral (enquadramento de desenho que realça o cenário, optando por um desfoque dos personagens para determinar o local e o período), tática comum na produção de quadrinhos. O destaque a Lenin é dado dentro de um aspecto superior, evocando uma autoridade e uma espécie de culto para sua figura e personalidade. Interessante é que pondo em perspectiva o neoliberalismo norte-americano durante a Era Reagan, percebemos uma demonização de seus opositores de esquerda, que “junto com a tradição marxista, é considerada velha e ultrapassada pelas ideologias dominantes” (CASTELO, 2020, p. 2). Tal quadro pode induzir a uma interpretação do imaginário dos leitores o quanto as políticas soviéticas estavam ultrapassadas, cultuando tais imagens em seu sistema. O quadrinho também mostra uma URSS necessitando de ajuda externa para aprimorar sua tecnologia, com Gorbachev agradecendo Kilowog pelo auxílio com seus soldados, ressaltando mais um aspecto ultrapassado da URSS.

No enredo do Homem de Ferro, temos uma outra situação envolvendo não só a imagem, como os restos mortais de Lenin, em uma página completa sendo dedicada para isso:

Figura 08 – Vladimir Lenin em Iron Man Volume 1 315.



Fonte: Marvel Comics. 1995

Nos quadros, o Homem de Titânio, triste pelo final da URSS e do sistema socialista soviético, visita o Mausoléu de Lenin na Praça Vermelha, em Moscou. Na cena, acompanhamos o personagem enquanto relembra eventos importantes para a URSS, como a Revolução Bolchevique e a vitória na Segunda Guerra Mundial, e lamenta os desfechos desses acontecimentos, como a grande quantidade de mortos na Grande Guerra Patriótica (nomeação soviética para a Segunda Guerra Mundial), muito utilizada pelos russos para ressentimento de recordações do passado, pois “à medida que a guerra se afasta em direção ao passado, a memória sobre esse evento torna-se mais intensa e sobretudo mais emocional” (RODRIGUES, 2022, p. 340) , além da contaminação das pessoas pelos hábitos capitalistas na nova Rússia pós-socialismo. O personagem tece comentários sobre assassinatos, prostituição, desalojamento e sobre a figura de Vladimir Volfovich Zhirinovsky (político e advogado russo que concorrera nas

eleições presidenciais do país em 2012, tendo sido fundador e líder do Partido Liberal Democrata da Rússia), com seus ideais considerados fascistas acerca do futuro da nação. Nessa ocasião, a figura de Lenin é colocada como uma forma de consolo para as mágoas do personagem, com o soviético falecido se desvinculando da imagem demonizada que seus sucessores carregaram nas representações norte-americanas.

As duas editoras, ambas capitalistas norte-americanas, tecem suas representações de um dos mais famosos líderes comunistas com dedicações muito distintas, seja no espaço dedicado (um quadro ou uma página completa) ou na sua posição colocada (alguém extremamente cultuável ou um consolo para ressentimentos). Os dois enredos se passam na mesma cidade, mas apenas um se dispõe a mostrar o monumento dedicado para Lenin (sendo justamente o que se passa após o final da URSS).

A população soviética também marca presença nas HQs. Temos no Lanterna Verde, a seguinte situação:

**Figura 09 – População soviética em The Green Lantern Corps 209.**



Fonte: DC Comics. 1987.

Durante o sequestro dos Lanternas Verdes que questionaram Gorbachev, podemos ver a posição em que o cidadão comum soviético é colocado, assim como as ações dos soldados soviéticos em armaduras. Essa representação de opressão estatal, vista nas feições e cores usadas para definir o papel da população soviética que havia presenciado o ataque aos Lanternas, acompanhados pela fala do soldado que diz, mesmo ao ar livre, de que ninguém havia visto nada,

denota mais uma vez uma ideologia que supostamente seria “baseada na democracia, na liberdade de direitos individuais e na independência” (VALIM, 2010, p. 53) tão defendida pelos norte-americanos e por consequência impraticável no socialismo.

No enredo que envolve o Homem de Titânio, é exposta uma situação mais específica:

**Figura 10 – Conversa em russo em Iron Man Volume 1 316**



Fonte: Marvel Comics. 1995

No quadro, temos a situação que mais se aproxima de uma representação da população russa/soviética em todo o enredo. O vilão soviético menciona que o povo russo já teve o bastante de uma experiência ditada por estrangeiros (se referindo ao capitalismo e as intervenções norte-americanas durante toda a Guerra Fria). O personagem também justifica suas ações em um âmbito de preservar a nação mãe caída, que havia sofrido muito na Segunda Guerra Mundial, levando em consideração que “a criação do inimigo soviético foi essencial para poder convencer o congresso da necessidade de uma política externa agressiva e participativa, pois os riscos da expansão comunistas eram muito grandes” (BIA-GI, 2004, p. 65), mesmo que infundados.

Nessas ocasiões analisadas, vemos uma distinção nas representações do soldado russo como parte da população soviética. Enquanto o Homem de



glória ao se usar mísseis, sendo rebatido por seu companheiro dizendo que era um clichê da guerra, e citando outro muito importante para o contexto, proferindo que *War is hell*<sup>5</sup>, se referindo a necessidade de Kilowog em matar o seu amigo, em nome de uma ideologia soviética, representada de uma forma maligna e traiçoeira.

O Homem de Titânio encontra um destino semelhante nas páginas do Homem de Ferro:

Figura 12 - A morte do Homem de Titânio em *Iron Man Volume 1* 316.



Fonte: Marvel Comics. 1995

Ao combater Tony Stark usando a armadura do Dínamo Escarlate, que buscava revigorar o orgulho russo, o vilão é morto em um ataque proferido pelo seu ex-companheiro, sem que Stark tivesse o controle da armadura. O Homem de Titânio tem como suas últimas palavras (por alguma razão, em inglês) *Papa? I'm Cold*<sup>6</sup>, possível paralelo entre seu fim de vida e o clima russo com o qual passou

5 Traduzido pela editora Abril como “Nenhuma guerra vale a pena”.

6 Traduzido pela editora Abril como “Papa? Estou com frio”.

toda sua existência, enquanto a luz de seus olhos literalmente vai se apagando quadro a quadro. É possível também ver Stark arrependido do desfecho que o conflito teve, chegando a indagar o Dínamo original posteriormente, pois teria sido responsável por eliminar um ex-companheiro de equipe.

## Considerações Finais

Ambos os enredos representam um supersoldado soviético de armadura morto por alguém que consideravam um companheiro, que já havia acreditado na mesma ideologia política que eles. Os arrependimentos, tanto de Gardner quanto de Stark, relembram a imagem de um norte-americano “bom samaritano” (TOTA, 2009, p. 182), construído durante toda a Guerra Fria para justificar suas ações no mundo, levando isso para outros países com o *American Way of Life*, um campo de “disputa entre diversas culturas políticas que, por sua vez, são compostas por um conjunto de subculturas ligadas, por exemplo, à religião, à economia e ao anticomunismo” (VALIM, 2010, p. 40), propagado para os países que possuíam zonas de influência norte-americana por meio de veículos midiáticos e culturais, como o próprio quadrinho, fazendo assim parte de um imaginário social em grande escala, pois configura “uma linguagem narrativa com características próprias e cuja penetração e influência na sociedade contemporânea é inegável” (BERNARDO, 2006, p. 2). É representado que, mesmo após a Guerra Fria, os que se intitulam de soviéticos continuam a falecer em nome de uma ideologia que idealizavam, carregada por uma representação imaginária de antagonismo e tirania, essa apontada por Biagi (2004, p. 63) como supostamente construída para ser “abertamente dedicada à destruição da sociedade “burguesa” tradicional”.

A imagem de Lênin, presente em ambas as histórias, assume, como visto, diferentes papéis em termos representativos. Na HQ do Lanterna Verde, sua função se exerce em um nível mais discreto, colocado como um quadro no gabinete do chefe de Estado. Já na HQ do Homem de Ferro, ela exerce uma função consoladora para o patriotismo do Homem de Titânio, o qual compadece de angústias e medo da abertura da Rússia para o capitalismo ocidental.

Outra divergência feita é a representação da população socialista, onde no enredo referente ao Homem de Ferro é auto incluso o supersoldado Homem de

Titânio (contradizendo-se mais tarde ao se referir a si mesmo como impiedoso com inocentes), enquanto nos tempos de Guerra Fria do Lanterna Verde, existe uma clara diferença entre os supersoldados e o povo soviético. Esse fator pode se dar devido a visão tirânica que os EUA buscavam representar do governo soviético, demonstrado como autoritário e manipulador da liberdade das pessoas.

Uma aproximação feita é no desfecho dos enredos, pois em ambos não é um norte-americano quem mata o supersoldado soviético. No Lanterna Verde, quem finaliza a HQ é o alienígena Kilowog, enquanto no Homem de Ferro, quem aciona a arma é o russo Valentin Shatalov. Esses acontecimentos podem ser ligados ao imaginário representado pelo *American Way of Life*, de uma forma que na reta final da Guerra Fria e após ela, não seria mais concebível ver um norte-americano assassinar outra pessoa, mesmo que um soldado socialista, indo contra o estilo de vida americano pretendido pelo governo na criação da imagem de seus heróis, levando assim a valores dominantes, que visam “poder, riqueza material, status, dinheiro, liderança, hierarquia” (VIANA, 2007, p. 12).

Por fim, as camadas teóricas e práticas que cercam o campo da Guerra Fria possibilitam um grande leque de pesquisas documentais. A inserção dos quadrinhos enquanto uma fonte de pesquisa histórica passível de análise é responsável por permitir uma visão além da clássica dicotomia do período de conflito indireto, principalmente ao levar em consideração as temáticas do armamento bélico e da construção da imagem do soviético, de forma direta ou indireta. Como visto, ao pensar uma análise dos valores de uma nação em relação a constituição de um imaginário social, essa ocorre ligada a uma polarização imaginária no campo cultural. Em relação a comparação entre as duas editoras, verificou-se um modo de operação não muito distinto, com as duas utilizando-se de heróis criados e reformulados durante a Guerra Fria para trazer suas histórias, seja um conflito aberto na cidade de Moscou ou a morte de um soldado soviético de armadura.

## Referências Bibliográficas

- BACZKO, Bronislaw. "A imaginação social" *In*: LEACH, Edmund. **Anthropos-Homem**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- BERNARDO, Thiago Monteiro. História e Histórias em Quadrinhos: um debate sobre possibilidades analíticas. *In*: **XII Encontro Regional de História Anpuh** - Rio: Usos do Passado, 2006, Niterói. XII Encontro Regional de História Anpuh, 2006.
- BIAGI, O. L. **O Imaginário da Guerra Fria**. Nethistória (Brasília), v. 1, 2004.
- CASTELO, Rodrigo. 150 anos de Vladimir Ilyich Ulianov, o bolchevique Lenin. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 12, n. 2, out. 2020.
- FARIA, Ricardo de Moura; MIRANDA, Mônica Liz. **Da Guerra Fria à nova ordem mundial** - 2. ed. - São Paulo: Contexto, 2021.
- GADDIS, John Lewis. **História da Guerra Fria**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- HOBSBAWM, E. J. **Era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOWE, Sean. **Marvel Comics: A História Secreta**. 1º Edição - São Paulo: LeYa. 2013.
- KRAKHECKE, Carlos André. **Representações da Guerra Fria nas histórias em quadrinhos Batman O Cavaleiro das Trevas e Watchmen (1979-1987)**. 2009. 145 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- PONS, Silvio. Império, estado e ideologia na URSS Stalinista. **Lua Nova**, São Paulo, 75, 2008.
- PURDY, Sean. O Século Americano. *In*: KARNAL, Leandro (org.). **História dos Estados Unidos: das origens ao Século XXI**. São Paulo: Contexto, 2007.
- RODRIGUES, Henrique Canary. Rússia: a Grande Guerra Patriótica como política de memória. **Tempo** Niterói. Niterói. Vol. 28 n. 3 Vol. 28 n. 3 Set./Dez. 2022.
- SANCHES, Rogério Luís Gabilan. O Homem De Ferro e As Representações Estereotipadas Dos Comunistas Na Guerra Fria. **Revista Horizontes Históricos/ São Cristóvão (SE)**, vol. 3, n. 1, jan-jun 2021.
- SILVA, Rodrigo Candido da. Em missão de guerra: os filmes Rambo na era Reagan e a emergência da nova Guerra Fria. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25. 2009, Fortaleza. **Anais do XXV Simpósio Nacional de História** - História e Ética. Fortaleza: ANPUH, 2009.
- TOTA, Antonio Pedro. **Os Americanos**. São Paulo: Contexto, 2009.
- VALIM, Alexandre Busko. **Imagens vigiadas: cinema e guerra fria no Brasil, 1945-1954**. 1. ed. Maringá - PR: Editora da Universidade Estadual de Maringá - EDUEM / Fundação Araucária, 2010.
- VIANA, Nildo. **Os valores na sociedade moderna**. Brasília, D.F: Thesaurus, 2007.